



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA**

**GABRIEL AIRES CAVALCANTE DE FARIAS
ORIENTADOR: PROF. ESP. THIAGO SILVA FERNANDES**

**ALÉM DO VÉU DA INOCÊNCIA: UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA E
PSICANALÍTICA SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL E OS ESTIGMAS
CONTEMPORÂNEOS**

CAMPINA GRANDE

2023

GABRIEL AIRES CAVALCANTE DE FARIAS

**ALÉM DO VÉU DA INOCÊNCIA: UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA E
PSICANALÍTICA SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL E OS ESTIGMAS
CONTEMPORÂNEOS**

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Psicólogo.

Área de concentração: Ciências Humanas

Orientador: Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes

CAMPINA GRANDE

2023

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

F224p Farias, Gabriel Aires Cavalcante de.

Além do véu da inocência [manuscrito] : uma perspectiva sócio-histórica e psicanalítica sobre a sexualidade infantil e os estigmas contemporâneos / Gabriel Aires Cavalcante de Farias. - 2023.

29 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2023.

"Orientação : Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes, Coordenação do Curso de Psicologia - CCBS. "

1. Sexualidade. 2. Educação infantil . 3. Psicanálise. I.

Título

21. ed. CDD 150

GABRIEL AIRES CAVALCANTE DE FARIAS

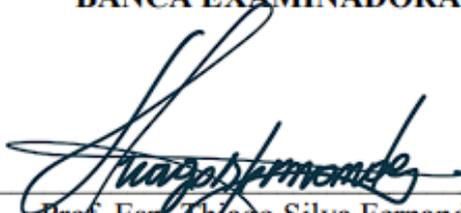
ALÉM DO VÉU DA INOCÊNCIA: UMA PERSPECTIVA
SÓCIO-HISTÓRICA E PSICANALÍTICA SOBRE A SEXUALIDADE
INFANTIL E OS ESTIGMAS CONTEMPORÂNEOS

Trabalho de Conclusão de Curso (Artigo) apresentado ao Departamento de Psicologia do Centro de Ciências Biológicas e da Saúde da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Psicólogo.

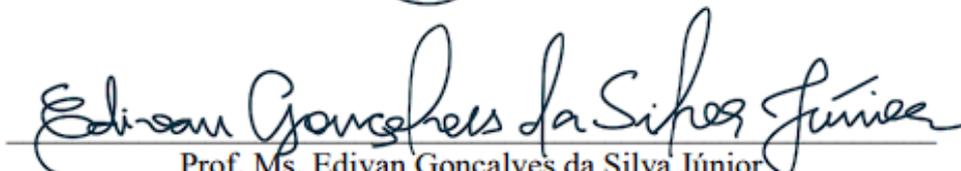
Área de concentração: Ciências Humanas.

Aprovado em: 24/11/2023.

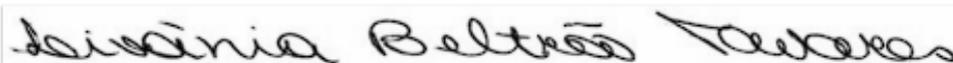
BANCA EXAMINADORA



Prof. Esp. Thiago Silva Fernandes
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Ms. Edivan Gonçalves da Silva Júnior
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Dra. Livânia Beltrão Tavares
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente à minha família: meu pai, minha mãe e minha irmã que desde sempre, me apoiaram incondicionalmente, cada qual a sua maneira, para que eu pudesse estar aqui hoje. Agradeço também a todos os que cruzaram meu caminho nesta caminhada e tornaram-se figuras importantes para minha formação não apenas enquanto profissional, mas também enquanto pessoa. Obrigado a minha namorada Vitória por estar sempre ao meu lado ao longo destes últimos dois anos juntos, ao professor Lucas Nápoli por mostrar, mesmo distante geograficamente, que a psicanálise pode sim, ser didática e acessível. Agradeço também ao meu orientador e supervisor clínico Thiago Fernandes por ter me apadrinhado durante este meu percurso na clínica e com a psicanálise. A vocês que estão comigo desde do início e para aqueles que surgiram em algum momento deste caminho, meus mais sinceros agradecimentos por fazerem parte dessa minha história.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	5
2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NA COMPREENSÃO DA SEXUALIDADE E PERSPECTIVAS DE FREUD E DA PSICANÁLISE	7
2.1 Contextualização da concepção de infância	7
2.2 Contextualização sobre a sexualidade, sobretudo o aspecto moral e repressor	11
2.3 Freud e a Psicanálise	13
4 MÉTODO	20
4.1 Metodologia a ser empregada	20
5 CONCLUSÃO	20
REFERÊNCIAS	22

ALÉM DO VÉU DA INOCÊNCIA: UMA PERSPECTIVA SÓCIO-HISTÓRICA E PSICANALÍTICA SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL E OS ESTIGMAS CONTEMPORÂNEOS

Gabriel Aires Cavalcante De Farias

RESUMO

Entendendo a sexualidade como um aspecto inerente à condição humana, o desenvolvimento e a expressão da sexualidade na infância é um tema que muitas vezes é tratado como tabu pelos adultos, especialmente quando se trata de manifestações desses comportamentos sexuais, que são típicos da idade, porém tratados muitas vezes de forma inibitória, mística, omissa, repressiva. Diante dessa problemática, o objetivo deste trabalho é discutir em uma perspectiva sócio-histórica e psicanalítica a sexualidade infantil e as afetações e reações de suas manifestações por parte da sociedade, família e espaços educacionais. Para isto, o presente trabalho adota uma abordagem com ênfase no método bibliográfico de cunho exploratório. Foi realizada uma pesquisa abrangente nas obras clássicas de autores renomados, como Philippe Ariès, Michel Foucault e Sigmund Freud, que abordam temas relacionados à sexualidade e à infância. Além disso, outros autores também foram utilizados na construção deste artigo. Os resultados evidenciam que, mesmo após um século das primeiras investigações de Freud, a sexualidade infantil ainda é um tema tabu. E as formas de lidar com ela ainda conservam traços históricos descritos por outros autores. Nesse sentido, a compreensão da infância passa a ser fortemente influenciada por construções sociais e discursos, ressaltando a necessidade de uma abordagem mais aberta e crítica.

Palavras-chave: Sexualidade; Infância; Educação Infantil; Freud; Psicanálise.

ABSTRACT

Sexuality, considered an inherent aspect of the human condition, is often approached as a taboo subject when it comes to childhood. The development and expression of childhood sexuality are frequently repressed, omitted, or mystically treated by adults. This article aims to discuss, through a socio-historical and psychoanalytic approach, childhood sexuality and the reactions of society, family, and educational spaces to its manifestations. Predominantly utilizing the exploratory bibliographic method, the research encompasses classical works by renowned authors such as Philippe Ariès, Michel Foucault, and Sigmund Freud, who delve into themes related to sexuality and childhood. Additionally, other authors have contributed to the construction of this article. The results highlight that even a century after Freud's initial investigations, childhood sexuality remains a taboo topic, and approaches retain historical traces outlined by other scholars. In this context, the understanding of childhood is significantly influenced by social constructions and discourses, emphasizing the need for a more open and critical approach.

Keywords: Sexuality; Childhood; Early Childhood Education; Freud; Psychoanalysis.

1 INTRODUÇÃO

Entendendo a sexualidade como um aspecto inerente à condição humana, o desenvolvimento e a expressão da sexualidade na infância é um tema que muitas vezes é tratado como tabu pelos adultos, especialmente quando se trata de manifestações desses comportamentos sexuais, que são típicos da idade, porém tratados muitas vezes de forma inibitória, mística, omissa, repressiva, assim como afirma (Nunes; Silva, 2000).

De acordo com (Freud, 1905), comportamentos sexuais infantis podem incluir a curiosidade “de onde vem os bebês? ”, semelhança e diferença em relação aos órgãos sexuais, beijos e outras atividades que envolvem percepção corpórea de sensações prazerosas, toques e carícias entre as crianças. Em seu artigo "*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*" (1905), Freud ampliou o conceito de sexualidade, propondo a tese que a sexualidade não se limita apenas à puberdade, mas está presente desde o nascimento, como uma energia vital, que busca repetir experiências de satisfação anteriormente vivenciadas.

O pai da psicanálise descreveu a sexualidade infantil como “polimorfa”, ou seja, de diversas formas e “perversa”, não no sentido popularmente conhecido relacionado a uma certo grau de maldade, mas sim que as crianças experimentam sua sexualidade sem tamanha condenação moral, caso compararmos com os adultos, tendo em vista que a criança não desenvolveu barreiras psíquicas como o nojo, vergonha e moral em relação à sexualidade. Portanto, Freud afirmava a variedade de formas pelas quais a energia sexual se manifesta nas crianças, não estando restrita apenas à genitalidade, mas a toda uma esfera corporal, denominadas de zonas erógenas. Estas são áreas do corpo que possuem uma alta sensibilidade e estão associadas à excitação sexual. Durante o desenvolvimento infantil, as crianças exploram e descobrem diferentes zonas erógenas como parte de sua sexualidade polimorfa. Freud identificou várias fases do desenvolvimento sexual infantil, nas quais diferentes zonas erógenas são predominantes. As crianças exploram seu corpo e o corpo dos outros por meio de jogos, curiosidade e descoberta, buscando prazer sensorial em diferentes áreas e de diversas maneiras.

Embora esses comportamentos sejam comuns na infância, muitos pais e educadores enfrentam dificuldades ao lidar com a questão da sexualidade. Grande parte deles não sabe como abordar o assunto de maneira adequada e não receberam formação para manejar situações como essas (Fagundes, 1992); (Nunes; Silva, 2000); (Laviola, 2006); (Ribeiro, 2009). Essas circunstâncias podem gerar preocupação e desconforto em adultos, especialmente quando essas manifestações ocorrem no ambiente escolar. No entanto, é

importante que educadores estejam preparados para lidar com essa situação de forma adequada, e que não transforme essas manifestações em algo errado, “sujo” ou patológico. Pois, segundo (Laviola, 2006) é comum que o adulto, ao perceber certos tipos de comportamentos infantis como sexuais, reagirem de maneira omissa, mentirosa ou mesmo punitiva para com as crianças, ao invés de prestarem esclarecimentos sinceros sobre a sexualidade.

Normalmente, educadores, pais e professores reagem às expressões sexuais de seus filhos e alunos com base em suas próprias experiências e educação sexual, ou seja, de acordo com seus valores pessoais que moldaram sua própria sexualidade, em vez de refletir sobre a importância de fornecer informações adequadas às crianças sobre suas próprias dificuldades pessoais nesse assunto (Maia *et al.*, 2010.)

Além disso, para Sigmund Freud, os adultos sofrem de uma “amnésia infantil”. Segundo ele, esse esquecimento está ligado às experiências da primeira infância, especialmente aquelas de ordem sexual. Essa falta de memória tem implicações significativas na forma como os pais e educadores lidam com a sexualidade infantil. Pois, como aponta (Ferreira Melo e Rosa, 2003), os pais e educadores moldam sua visão sobre o assunto a partir de sua própria história de vida, preconceitos, medos e opiniões negativas desse contexto.

Dessa maneira, (Freud, 1913) afirma em seu breve artigo “*o interesse da psicanálise*”, que o professor se torna um espelho, substituto das primeiras figuras parentais da criança, atuando como o mediador de um campo que permita o fluir da criatividade, da aprendizagem e das descobertas (Silva, 2010).

Conseqüentemente, sabe-se que a família é o primeiro ambiente para direcionar os padrões comportamentais no que tange o processo de educação sexual da criança (Ribeiro, 1990). No entanto, a escola tem a responsabilidade e o dever de assumir uma abordagem formal na orientação sexual. Para (Laviola, 2006), as crianças adquirem conhecimentos sobre sexualidade inicialmente por meio dos comportamentos e significados transmitidos pela família, expandindo sua compreensão sobre o assunto; posteriormente, recebem informações adicionais por parte dos educadores escolares.

Sendo assim, sabendo que a sexualidade infantil é algo inerente à condição humana, contudo as manifestações desses comportamentos passam por um processo de mediação, por meio das percepções e condutas dos adultos, sejam estes pais ou educadores, é crucial que esses mediadores compreendam a natureza da sexualidade infantil e estejam preparados para lidar com ela de maneira sensível, esclarecedora e respeitosa. Isso implica em reconhecer a sexualidade como uma parte inerente ao desenvolvimento humano desde a mais tenra

infância, seguindo as ideias de Freud, e aceitar que as crianças explorarão e manifestarão sua sexualidade de maneiras diversas.

O objetivo deste trabalho é discutir em uma perspectiva sócio-histórica e psicanalítica a sexualidade infantil e as afetações e reações de suas manifestações por parte da sociedade, família e espaços educacionais.

Para isto, o presente trabalho adota uma abordagem com ênfase no método bibliográfico de cunho exploratório (Gil, 2010). O processo metodológico foi estruturado em fases distintas, alinhadas ao desenvolvimento de uma revisão bibliográfica. A primeira etapa de uma revisão bibliográfica consiste na seleção de um tema com questões norteadoras, delimitação, objetivos e estratégia de coleta de dados como sua primeira fase. Na segunda etapa, é essencial identificar os trabalhos relevantes em periódicos e catálogos relacionados ao tema escolhido. Posteriormente, a terceira fase engloba a busca e reunião do referencial teórico a ser empregado na pesquisa, e o quarto passo se concentra na compilação, que consiste na organização do material coletado. A quinta etapa envolve a elaboração de fichamentos para destacar os principais achados de cada fonte, enquanto o sexto passo se concentra na análise e interpretação dos dados, (Lakatos, 2011). Foi realizada uma pesquisa abrangente nas obras clássicas de autores renomados, como Philippe Ariès, Michel Foucault e Sigmund Freud, que abordam temas relacionados à sexualidade e à infância. Além disso, outros autores também foram utilizados na construção deste artigo.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO DA CONCEPÇÃO DE INFÂNCIA NA COMPREENSÃO DA SEXUALIDADE E PERSPECTIVAS DE FREUD E DA PSICANÁLISE

2.1 Contextualização da concepção de infância

A infância como a conhecemos hoje é fruto de uma série de nuances sócio históricas e culturais. Segundo (Ariès, 2022), o conceito de infância foi gradualmente moldado ao longo da história, e durante um extenso período, a criança não foi reconhecida como um ser em evolução com suas próprias características e necessidades, mas sim como uma versão em miniatura de um adulto. Segundo o referido autor, a noção de infância é um produto da era moderna, surgindo como uma construção social recente na trajetória da humanidade.

O advento da percepção da infância, com sua singularidade e particularidades, é resultado de um complexo processo histórico, não sendo intrínseco à natureza humana. Dessa

forma, o interesse e a preocupação em relação a esta etapa da vida humana constituem um fenômeno de relativa contemporaneidade na trajetória da sociedade. “a concepção de infância que possuímos hoje foi uma invenção da modernidade, sendo constituída historicamente pelas condições socioculturais determinadas” (Niehues; Costa, 2012, p. 284).

De maneira significativa, foi necessário um período considerável para que as disciplinas das ciências sociais e humanas direcionassem seu foco para a criança e a infância como objetos centrais de pesquisa, pois conforme afirma (Heywood, 2004) a fascinação pelos anos da infância é um fenômeno relativamente recente.

Até o século XII, especialmente durante a era medieval, a família não tinha uma preocupação efetiva com o bem-estar das crianças, levando a um cenário onde muitas delas perdiam suas vidas devido às condições precárias de higiene e saúde. Isso resultava em índices substancialmente altos de mortalidade infantil. Essa falta de atenção aos cuidados infantis é evidenciada pela postura insensível com relação à criação de filhos.

Pode-se apresentar um argumento contundente para demonstrar que a suposta indiferença com relação à infância nos períodos medieval e moderno resultou em uma postura insensível com relação à criação de filhos. Os bebês abaixo de 2 anos, em particular, sofriam de descaso assustador, com os pais considerando pouco aconselhável investir muito tempo ou esforço em um “ pobre animal suspirante”, que tinha tantas probabilidades de morrer com pouca idade. (Heywood, 2004, p. 87).

Por isso, Ariés (2022) afirma que:

Ninguém pensava em conservar o retrato de uma criança que tivesse sobrevivido e se tornado adulta ou que tivesse morrido pequena. No primeiro caso, a infância era apenas uma fase sem importância, que não fazia sentido fixar na lembrança; no segundo, o da criança morta, não se considerava que essa coisinha desaparecida tão cedo fosse digna de lembrança. (...) as pessoas não se podiam apegar muito a algo que era considerado uma perda eventual. (Ariés, 2022, p.39).

Neste contexto, também não existia uma distinção clara entre as funções designadas aos adultos e as crianças. A partir dos sete anos, a criança seria incorporada à vida adulta e desempenharia um papel significativo na economia familiar, cumprindo algum papel perante a coletividade. Não por acaso, segundo (Ariés, 2022), até o século XIII, as crianças eram caracterizadas nas obras de arte não por traços tipicamente infantis, mas, sim, por traços de mulheres e homens adultos de tamanho reduzido. “É difícil crer que essa ausência se devesse à incompetência ou à falta de habilidade. É mais provável que não houvesse lugar na infância nesse mundo” (Ariés, 2022, p.31)

Fica evidente que as crianças eram tratadas como se fossem adultos em miniatura. Isso era notório tanto em suas escolhas de vestuário quanto em sua participação ativa em eventos

sociais como reuniões, celebrações e danças. Os adultos interagiam com as crianças de forma indiscriminada, adotando uma linguagem vulgar, promovendo brincadeiras rudes e abordando uma ampla gama de tópicos, inclusive explorando aspectos de natureza sexual. Tal abordagem era consequência da ausência de uma crença na existência de uma pureza infantil inata ou na distinção marcante entre os traços de adultos e crianças. (Ariès, 2022)

Mas como podemos compreender o abismo que separa a concepção contemporânea da infância em comparação com a visão que prevalecia durante a Idade Média? De acordo com (Rocha, 2002) o sentimento de amor materno, tal qual conhecemos hoje, não existia, a família era uma estrutura apenas social e não sentimental, segundo a referida autora, “As mudanças com relação ao cuidado com a criança, só vêm ocorrer mais tarde, no século XVII, com a interferência dos poderes públicos e com a preocupação da Igreja em não aceitar passivamente o infanticídio, antes secretamente tolerado”. Essa alteração de postura resultou no surgimento de novos modelos familiares que começaram a dar importância aos laços de sangue ao invés do utilitarismo de seus membros, sobretudo em relação às crianças.

Sendo assim,

A mudança cultural, influenciada por todas as transformações sociais, políticas e econômicas que a sociedade vem sofrendo, aponta para mudanças no interior da família e das relações estabelecidas entre pais e filhos. A criança passa a ser educada pela própria família, o que fez com que se despertasse um novo sentimento por ela. ARIÉS caracteriza esse momento como o surgimento do sentimento de infância, que será constituído por dois momentos, chamados por ele de paparicação e apego. (Rocha, 2002, p. 56)

Contudo, esse sentimento positivo em relação à infância não era compartilhado por todos. Todavia, é possível observar a resistência e desagrado de algumas pessoas que consideravam insuportável a atenção que se dispensava às crianças, como afirma (Ariès, 2022) em suas citações sobre Montaigne (1533-1592) em relação ao comportamento moderno que estava surgindo.

Não posso conceber essa paixão que faz com que as pessoas beijem as crianças recém-nascidas, que não têm ainda nem movimento na alma, nem forma reconhecível no corpo pela qual se possam tornar amáveis, e nunca permiti de boa vontade que elas fossem alimentadas na minha frente. (Ariès, 2022, p.183)

A emergência do sentimento de afeição ocorre a partir do século XVII, representando uma reação da sociedade contra o excesso de mimos direcionados às crianças. Esse sentimento sugere a separação da criança do adulto, visando educá-la conforme as tradições e disciplina, embasado numa perspectiva mais racional (Ariès, 2022, p.161): “Não se

considerava mais desejável que as crianças se misturassem com os adultos... sem dúvida porque essa mistura permitia que fossem mimadas e se tornassem mal-educadas”.

Dessa forma, a educação infantil foi influenciada por esse contexto moral, influenciado por moralistas e educadores, bem como pela evolução da família nuclear, que se encaixava nos padrões da época, representando a estrutura conservadora que destacava a continuidade patriarcal e parental, especialmente na relação entre pais e filhos.

A crescente preocupação familiar com a educação da criança resultou em transformações significativas, levando os pais a assumirem uma responsabilidade mais ativa em relação aos filhos. Como consequência, surgiu a necessidade e a implementação de regras e normas no processo educacional reformulado, visando a moldar uma criança mais bem instruída, segundo as demandas da emergente sociedade. Essa concepção de indivíduo trouxe consigo a dinâmica em que a criança se torna sujeita ao controle, tanto da família, quanto do círculo social ao qual pertence.

Compreende-se então, que com a evolução nas relações sociais que se estabeleceram na Idade Moderna, a criança passa a ter um papel central nas preocupações da família e da sociedade. A nova percepção e organização social fizeram com que os laços entre adultos e crianças, pais e filhos, fossem fortalecidos. A partir deste momento, a criança começa a ser vista como indivíduo social, dentro da coletividade, e a família tem grande preocupação com a sua saúde e a sua educação. (Lins *et al.*, 2014, p. 131).

Entendendo a sexualidade como um tabu para a sociedade, sobretudo em sua abordagem na infância, apesar da visibilidade da condição das crianças no mundo moderno ter assumido novos horizontes e importâncias, faz-se necessário estabelecer uma contextualização acerca da sexualidade ao longo da história.

2.2 Contextualização sobre a sexualidade, sobretudo o aspecto moral e repressor

Sendo assim, ao longo da história da cultura ocidental, podemos observar uma crescente preocupação social não apenas com a criança em si, mas também com sua esfera sexual. Por muito tempo, a questão da sexualidade foi encarada como um mal a ser combatido, uma realidade a ser ocultada, camuflada. No entanto, apesar de ser algo inerente à condição humana, diferentes grupos sociais, por meio de discursos, estabeleceram normas que definiam o que era aceitável dentro dos padrões éticos e morais. Para (Foucault, 2009), o discurso se refere a:

[...] um conjunto de regras anônimas, históricas sempre determinadas no tempo-espaço, que definiram em uma dada época e para uma área social, econômica, geográfica, ou linguística dada, as condições de exercício da função enunciativa. (Foucault, 2009, p. 133).

Por exemplo, a instituição familiar, Igreja, estrutura estatal e a medicina se destacam como os principais agentes emissores desses discursos que sustentam e perpetuam essa inibição, cada um regulando o exercício da sexualidade de maneira própria. Pois, conforme afirma (Foucault, 1988), os discursos sobre a sexualidade, ao longo da história, conferiram significado e normas a comportamentos, desejos e prazeres. Instituições religiosas, judiciárias, pedagógicas e médicas usaram esses discursos para estabelecer normas sociais.

Essas normas não se limitavam apenas ao ato sexual em si, mas também abrangiam diversas manifestações da sexualidade consideradas inadequadas ou impróprias em contextos específicos, atuando nas entrelinhas sem adotar uma abordagem moral, mas ainda assim exercendo controle moralizador. (Foucault, 2001), empreende uma análise da história da sexualidade abordando dinâmicas de poder e veracidade. Nesse estudo, é evidente a exploração do surgimento, a partir do século XIX, de uma "ciência da confissão".

Conforme afirmam (Senem e Caramaschi, 2017, p. 180), na confissão era necessário revelar a totalidade, abrangendo não apenas as ações consumadas, mas também os gestos carregados de sensualidade, os olhares de natureza impura, as expressões obscenas, assim como todos os conteúdos do pensamento. O medo do inferno foi um dos mecanismos utilizados pela Igreja Católica para controlar a vida sexual dos seus fiéis, sendo a confissão o principal instrumento para investigar sua prática (Snoek, 1981).

A consolidação dessa prática introduz métodos para dar voz à sexualidade, estabelecendo os critérios normativos e desviantes no âmbito sexual. Ou seja, o que é considerado permitido e proibido, certo e errado, delimita os parâmetros para a discussão sobre o tema. Dessa maneira, o corpo torna-se objeto constante das ações regulatórias, uma vez que é nele que a sexualidade encontra sua expressão. Este controle se dá não pela proibição, mas pelas práticas discursivas desses mecanismos de poder, como elemento substancial na condução das condutas dos sujeitos, conforme afirma (Foucault, 2017).

É somente a partir do século XVIII, que emerge uma inovação na compreensão e abordagem da sexualidade, caracterizada por sua independência das instituições religiosas. Neste contexto de fortalecimento da burguesia como classe dominante e da consolidação do sistema capitalista, observam-se transformações substanciais na forma como a sociedade encara a sexualidade e, por extensão, lida com o próprio corpo.

Corpo este que sofre influência direta deste novo papel ocupado pelo "trabalho" dentro dessa nova conjuntura social. De acordo com (Aranha e Martins, 2003, p.327), o sistema capitalista “faz com que o trabalho não seja apenas um freio para o sexo, mas que promova uma dessexualização e deserotização do corpo, por ter-se tornado uma atividade da qual foi retirado todo prazer”.

No cenário anterior, o controle predominante sobre a sexualidade estava nas mãos da religião. Contudo, a partir do século XVII, por meio das disciplinas da economia, pedagogia e medicina, uma mudança ocorreu, elevando o sexo a um novo patamar como parte da esfera de influência estatal. Agora, ao contrário do passado, é a medicina que assume o protagonismo nesse contexto, direcionando seus esforços para a normalização da sexualidade, em contraposição ao anterior temor de punições eternas (Foucault, 2017).

Em um estágio subsequente, com o advento das ciências voltadas à sexualidade durante o século XIX, um processo de "classificação" a partir das formas que os indivíduos lidavam com a própria sexualidade. A medicina então se torna interessada no estudo do tema, não somente para tratamento, mas também para analisar suas "anormalidades", bem como para fins pedagógicos e terapêuticos em relação às suas expressões consideradas "normais". (Cunha Júnior, 2011)

2.3 Freud e a Psicanálise

Sendo assim, já no século XX, em meio ao discurso médico e psiquiátrico, surge a psicanálise, fruto da cultura ocidental. Seu fundador e maior expoente é Sigmund Freud, que irá, em 1905, sistematizar, pelo viés da psicanálise, o conceito de sexualidade, contrariando os padrões morais e as convenções sociais da época.

Nesse mesmo ano, o pai da psicanálise apresentou a sua teoria da sexualidade infantil em sua obra intitulada "*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*". Esse artigo foi um marco importante na obra de Freud, pois introduziu novos conceitos e perspectivas em relação à sexualidade humana, especialmente a sexualidade infantil, que não foi bem aceito no meio acadêmico e científico de sua época.

Logo, cinco anos após a publicação, dos “*Três ensaios*” e das dificuldades de aceitação da sua teoria, Freud escreve no seu artigo "*Cinco Lições de Psicanálise*" (1910), e,

especificamente na quarta lição, sobre aspectos morais que dificultam uma discussão mais ampla e franca sobre o tema.

Em vez de solicitamente nos darem informações a respeito de sua vida sexual, eles buscam ocultá-las de toda maneira. As pessoas não são francas em matéria sexual. Não mostram livremente sua sexualidade; usam, isto sim, um espesso manto de mentiras para escondê-la, como se fizesse mau tempo no mundo da sexualidade. (Freud, 1910. p. 265).

Ainda na quarta lição, Freud aproveita a oportunidade para rebater as críticas direcionadas ao seu novo conceito de sexualidade. Dentro desse contexto, o autor lança uma provocação àqueles que discordam dessa proposta e limitam a definição de sexualidade ao mero sinônimo de genitalidade e reprodução.

Agora os senhores talvez façam a objeção de que isso não é sexualidade. Emprego a palavra num sentido bem mais amplo do que aquele a que estão acostumados. Isto lhes concedo de bom grado. Mas cabe perguntar se os senhores não empregaram o termo em sentido muito mais restrito, ao limitá-lo ao âmbito da procriação. (Freud, 1910, p. 273).

Diante desse cenário de repressão sexual vigente na Europa no século XX, a recepção inicial à teoria de Freud sobre a sexualidade foi, em grande parte, hostil. Muitos membros da comunidade acadêmica rejeitaram suas ideias e as consideraram controversas, perturbadoras e até mesmo imorais. A sociedade conservadora da época se sentiu ameaçada e relutante a aceitar essa nova perspectiva sobre a sexualidade humana. Por isso, o pai da psicanálise foi alvo de críticas e resistências. Alguns o acusaram de promover a imoralidade, de ter uma visão deturpada da sexualidade e de sua teoria ser excessivamente focada em temas dessa ordem. Em resposta a essas críticas, especialmente em relação à sua visão sobre a sexualidade infantil, o autor argumenta que:

É bastante fácil explicar porque a maioria das pessoas, sejam observadores clínicos ou não, prefere nada saber sobre a vida sexual das crianças. Elas esqueceram sua própria atividade sexual infantil, sob a pressão da educação para a vida em sociedade, e não desejam ser lembradas do que foi reprimido. (Freud, 1910, p.269).

As ideias de Freud desafiavam as concepções vigentes e levantavam questões desconfortáveis, sobretudo quando ele defendia a tese de que a sexualidade não poderia ser vista apenas como algo restrito apenas ao início da puberdade, mas, sim, algo que começava na mais tenra infância, apesar da discordância da sociedade em relação a essa visão.

Na concepção popular do instinto sexual, ele está ausente na infância e desperta somente no período da vida que designamos como puberdade. Isso não é um erro qualquer, mas de grandes consequências, pois principalmente a ele devemos nosso atual desconhecimento das condições fundamentais da vida sexual. Um estudo

aprofundado das manifestações sexuais infantis provavelmente revelaria os traços essenciais do instinto sexual, mostraria seu desenvolvimento e nos faria ver sua composição a partir de várias fontes. (Freud, 1905, p. 73).

Segundo o autor, a sexualidade nos acompanha desde os primeiros meses de vida, porém, sua manifestação inicial não é de natureza genital. Em vez disso, ela se revela por meio de outras zonas erógenas. Nas palavras de Freud, as zonas erógenas podem ser definidas como áreas da pele ou membranas mucosas que respondem a estímulos específicos induzindo sensações prazerosas de uma determinada qualidade (Freud, 1905).

O autor afirma que o início da sexualidade humana se baseia na função de autoconservação. Nesse sentido, nos primeiros meses de vida, a boca desempenha um papel central. Durante a amamentação, a criança não apenas garante sua sobrevivência por meio dos nutrientes do leite materno, mas também, mesmo após estar alimentada, ela busca o prazer da sucção. Isso destaca a primeira independência entre a necessidade de nutrição e o prazer ligado ao ato de sucção.

A atividade sexual se apoia primeiro numa das funções que servem à conservação da vida, e somente depois se torna independente dela. Quem vê uma criança largar satisfeita o peito da mãe e adormecer, com faces rosadas e um sorriso feliz, tem que dizer que essa imagem é exemplar para a expressão da satisfação sexual na vida posterior. Então a necessidade de repetir a satisfação sexual se separa da necessidade de nutrição. (Freud, 1905, p. 85-86).

Ao longo do desenvolvimento infantil, a criança passa uma sequência de estágios psicosssexuais. Após o estágio oral, há o estágio sádico-anal, em que o foco da energia desloca-se para a região anal.

Nesta fase, aproximadamente até os 3 anos, as crianças começam a experimentar sensações prazerosas através do controle de suas funções corporais, especialmente durante o processo de eliminação, que envolve tanto urinar quanto evacuar. Nesse estágio, como (Freud, 1917) observou pela primeira vez, a criança se vê confrontada com a necessidade de equilibrar seu prazer pessoal com as expectativas sociais de comportamento adequado. Isso leva a um conflito interno e externo em que, por um lado, a criança possui certo grau de controle e autonomia sobre suas funções corporais, mas, por outro lado, deve se adaptar às normas sociais e às regras impostas pelos pais e educadores.

Durante esta etapa, ocorre o famoso treinamento para o uso do penico. Nela, a criança enfrenta a responsabilidade de controlar suas funções corporais, especialmente a eliminação das fezes. As atitudes da criança nesse contexto podem resultar em elogios ou punições por parte dos adultos, pois a renúncia ao prazer de evacuar “quando” e “onde” quiser para uma atividade que deve ser realizada em determinados espaços e contextos, está associada à

assimilação de regras e expectativas parentais e um abandono parcial de suas próprias vontades. Para Freud, as fezes se tornam um objeto de negociação para agradar ou desafiar os pais, adquirindo um caráter de "presente": "É claramente tratado como uma parte do próprio corpo, constitui o primeiro "presente": através da liberação ou da retenção dele, o pequeno ser pode exprimir docilidade ou desobediência ante as pessoas ao seu redor" (Freud, 1905, p.92)

Na terceira etapa do desenvolvimento psicosssexual, Freud introduz o estágio fálico, uma fase crucial no seu modelo. Neste período, que ocorre por volta dos 3 aos 6 anos, a libido se concentra pela primeira vez nos órgãos genitais da criança. É um momento em que crianças de ambos os sexos começam a demonstrar um interesse crescente e curiosidade em relação às questões do corpo e da sexualidade, elas começam por boa parte sua atividade intelectual a serviço da investigação dessas questões. Conforme (Freud, 1938) observou, elas iniciam um processo de questionamento sobre a origem da vida e a reprodução, muitas vezes expressando essas indagações aos adultos. Esse período pode ser marcado por um certo temor de que a chegada de um irmão ou irmã possa ameaçar sua posição de exclusividade, ou atenção por parte dos pais. "A ameaça de suas condições de existência, como a vinda suposta ou sabida de uma nova criança, o temor de perder cuidados e amor, como resultado disso, tornam a criança pensativa e sagaz." (Freud, 1905, p.103)

A criança compreende inicialmente as diferenças entre os sexos, distinguindo facilmente o masculino do feminino (Freud, 1905). No entanto, o menino presume inicialmente que todos possuem genitais semelhantes ao seu. Freud argumenta que, durante a fase fálica, o garoto percebe que pode obter sensações prazerosas em seu órgão sexual por meio de estímulo manual.

Todavia, confrontar a ideia de que algumas pessoas não têm pênis é inicialmente assustador e difícil para ele conciliar. O receio surge de dois fatores principais. Primeiramente, há o temor de que as advertências dos pais e educadores se tornem realidade, imaginando consequências como a perda do pênis, seja por excesso de manuseio no órgão ou pela ameaça de alguém mais forte, geralmente o pai, de "cortá-lo".

Além disso, essa ideia se torna ainda mais real quando, em algum momento, o menino se recorda da aparência dos genitais femininos, observando uma prima, irmã, coleguinha de classe ou a própria mãe despida. Ao lembrar-se da cena, ele teme ficar como elas, sem pênis, em termos psicanalíticos, castrado. (Freud, 1938).

Ao contrário do menino, a menina não recorre à rejeição ao perceber a diferença genital. No caso da garota, ela experimenta a "inveja do pênis", reagindo à ausência do órgão e cobiçando a posse que os meninos têm. Simultaneamente, ela se sente inferior ao menino,

buscando igualar-se a ele e esforçando-se para compensar essa percebida "ausência" (Freud, 1938).

Neste estágio, Freud também introduziu o conceito do "Complexo de Édipo", um dos pensamentos mais importantes de sua obra e da psicanálise como um todo. Nele, Freud formula que os meninos experimentam sentimentos de atração pela mãe e rivalidade com o pai, a título de exemplo, o autor afirma que:

Bem, vê-se com facilidade que o garotinho quer a mãe apenas para si, que sente a presença paterna como perturbadora, que se irrita quando o pai se permite demonstrar ternura a ela e que manifesta satisfação quando ele está viajando ou ausente. Com frequência, o menino dá expressão verbal a seus sentimentos e promete à mãe que vai casar com ela. (Freud, 1917, p.441).

No que diz respeito às meninas, o processo segue geralmente uma dinâmica inversa. Nesse caso, as garotas experimentam sentimentos semelhantes aos que os meninos vivenciam em relação à figura paterna. Elas desejam a atenção do pai e muitas vezes desenvolvem rivalidade com a mãe. Segundo Freud, a forma como cada indivíduo passa por essa fase e a capacidade de se desvincular ou não dos primeiros objetos de amor têm implicações significativas.

É inevitável, e inteiramente normal, que a criança tome os pais como objetos de sua primeira escolha amorosa. Mas sua libido não deve permanecer fixada nesses primeiros objetos, deve apenas tomá-los depois como modelos e passar deles para outras pessoas, na época da escolha definitiva de objeto. O desligamento da criança em relação aos pais torna-se então, uma tarefa inelutável, para que a aptidão social do jovem indivíduo não venha ser comprometida. (Freud, 1910, p. 276).

Já por volta dos 6 anos e seguindo até o início da puberdade, Freud identificou o que ele chamou de "período de latência" no desenvolvimento psicosssexual da criança. Neste estágio, ocorre uma notável mudança na forma como a energia psicosssexual é direcionada. Anteriormente, a libido estava principalmente voltada para os pais, mas em virtude de barreiras culturais contra o incesto, sofre uma repressão significativa. Sendo assim, em vez de se concentrar em questões sexuais ou em vínculos familiares, as energias psicosssexuais são redirecionadas para outras áreas da vida da criança, mais voltadas para atividades sociais e intelectuais. É também um momento em que a criança começa a desenvolver habilidades cognitivas, emocionais e sociais mais maduras.

Mas nem todos os componentes instintuais originais são admitidos neste estabelecimento definitivo da vida sexual. Ainda antes da puberdade, repressões extremamente enérgicas de determinados instintos se realizam sob influência da educação, e produzem-se forças psíquicas como o pudor, o nojo, a moral, que zelam como vigias por essas repressões. (Freud, 1910, p. 272).

Com a chegada da puberdade até a vida adulta, ocorre o que Freud denominou de "maturidade sexual", momento em que a zona genital se torna, novamente, a mais relevante em comparação com as outras zonas erógenas: "O que a puberdade faz é conferir aos genitais a primazia entre todas as zonas e fontes geradoras de prazer, forçando o erotismo a pôr-se a serviço da função reprodutiva" (Freud, 1907, p. 221). Neste momento, o autor também afirma que processos emocionais intensos se desenrolam, mais uma vez, na direção do complexo de Édipo ou em reação a ele, mas que grande parte desse encadeamento ocorre fora da consciência.

Isso significa que, ao crescer, o sujeito traz consigo um desafio significativo: o precisar aprender a se separar dos pais de alguma forma, a fim de se integrar como membro de uma comunidade social mais ampla. Em outras palavras, de acordo com Freud, é necessário ocorrer uma renúncia, ainda que parcial, em relação aos primeiros objetos amorosos. Isso pode envolver a abdicação de certas gratificações emocionais ou até mesmo a reconciliação com um dos pais, deixando para trás uma posição de submissão a essas figuras familiares. Essa mudança é essencial para que o indivíduo possa aprender a amar e se satisfazer com outras pessoas fora do círculo familiar, (Freud, 1917).

Não é à toa que o processo árduo, porém necessário de desligamento dos pais e a construção de novas conexões com objetos externos à família, ou seja, o Complexo de Édipo, é conhecido, dentro da teoria psicanalítica, como o núcleo das neuroses devido à sua imensa complexidade.

Por isso, após apresentar essa teoria no que se refere às etapas do desenvolvimento psicosssexual, Freud chocou a sociedade da sua época não apenas por redefinir e ampliar o conceito de sexualidade, mas especialmente o conceito da sexualidade infantil. Ele a descreveu como sendo autoerótica, bissexual, polimorfa e perversa. Quando o autor emprega a palavra "perversa" ao falar da sexualidade infantil, ele não está sugerindo má índole ou propensão a crueldades, ao contrário do uso convencional do termo. O autor destaca que não se trata de comportamentos moralmente condenáveis, mas sim reconhece a falta de resistência das crianças em relação à sexualidade. Isso ocorre porque as barreiras psíquicas, como nojo, vergonha e moral em relação às manifestações sexuais, ainda não foram completamente desenvolvidas. (Freud, 1905) interpreta a expressão da curiosidade sexual na infância como algo natural, que se integra em formas mais socialmente aceitáveis à medida que a criança amadurece.

Isso implica que a criança pode encontrar satisfação através do seu próprio corpo, com pessoas de ambos os sexos, explorando uma variedade de formas e objetivos que não se

limitam ao propósito da reprodução. A criança aqui não é mais concebida como um ser "puro e inocente, sem sexualidade", mas sim como alguém que busca saciar impulsos de diversas maneiras, por meio de diferentes partes do corpo.

O autor ainda argumenta que aqueles que a todo custo queriam fazer objeções quanto a existência da sexualidade infantil, são os mesmos que tentam negá-la, tratando-a como eventos isolados e casos que fogem à regra, quando, na verdade, é tão fácil corrigir essa visão por meio da observação prática.

É certo que encontramos, na literatura sobre o tema, notícias ocasionais sobre atividade sexual precoce em crianças pequenas, sobre ereções, masturbação e até mesmo condutas análogas ao coito, mas sempre são apresentadas como eventos excepcionais, curiosidades ou exemplos assustadores de depravação precipitada. (Freud, 1905, p. 73-74).

Nesse contexto, a abordagem de Freud lança luz sobre a compreensão da sexualidade infantil não como um desvio, mas sim como um elemento intrínseco e inerente à condição humana. Ignorar essa perspectiva fundamental seria, como explicitado pelo próprio autor, um "erro grosseiro, de sérias consequências" (Freud, 1907, p. 221).

Quando o autor usa o termo "sérias consequências", está se referindo especificamente ao adoecimento neurótico. De acordo com sua perspectiva, o desenvolvimento psicosexual apresenta desafios distintos em cada uma de suas fases. Ao ser atravessado, esse processo carrega por si só elementos que podem predispor à neurose.

Dado que este é um processo intrinsecamente complexo, não ocorre sem dificuldades em todos os indivíduos. Em alguns casos, esse desenvolvimento pode resultar em anormalidades ou tendências que predisõem a doenças futuras. Isso pode ser entendido como uma espécie de regressão ou fixação em algum dos estágios anteriores do desenvolvimento psicosexual, tendo um impacto substancial em como aquele sujeito lida com a própria sexualidade, conforme afirma Freud:

A sexualidade normal do adulto provém da infantil mediante uma série de desenvolvimentos, combinações, divisões e supressões, que quase nunca sucedem com perfeição ideal e deixam, por causa disso, predisposições para que a função regreda em estágios patológicos. (Freud, 1913, p. 350).

Sendo assim, o autor sustenta a ideia de que a mediação da sexualidade e todo esse processo de desenvolvimento da sexualidade infantil está intrinsecamente ligada à influência direta dos adultos. Inicialmente, essa influência emerge dos pais, e em um segundo momento, educadores, ambos sendo figuras fundamentais na vida da criança. De acordo com (Freud, 1905), são os pais que moldam a compreensão inicial da criança sobre sua própria sexualidade

e desempenham um papel crucial na maneira como ela percebe e lida com seus sentimentos e curiosidades sexuais.

Quando, por exemplo, (Freud, 1913) afirma que “o menino é o pai do homem”, ele quer dizer que: as impressões que recebidas na infância, sobretudo nos primeiros anos de vida, tem uma extraordinária importância, para todo direcionamento posterior do indivíduo. Ou seja, o modo como os adultos abordam, comunicam, reprimem e respondem às questões e dúvidas relacionadas à sexualidade infantil pode ter um impacto duradouro na vida psíquica deste futuro adulto.

Se por um lado uma abordagem sensível e equilibrada, que reconhece a importância de tratar a sexualidade como um tema necessário e "digno de ser sabido", pode efetivamente contribuir para a construção de uma perspectiva saudável sobre essa dimensão da vida, facilitando uma abordagem mais positiva para lidar com os impulsos naturais dessa área. Por outro lado, uma atitude inadequada por parte dos adultos, que evitam oferecer esclarecimentos à medida que surgem dúvidas, e que tendem a ser excessivamente repressivos, têm o potencial de marcar a vida sexual com conotações negativas e repulsivas. Conseqüentemente, isso pode ampliar as chances de problemas psicológicos futuros, como neuroses, conforme afirmado pelo próprio autor: “a veemente supressão externa de instintos fortes jamais obtém que eles sejam extintos ou dominados, apenas promove uma repressão que estabelece a tendência para um futuro adoecimento neurótico.” (Freud, 1913, p. 362).

Em outras palavras, (Money e Tucker, 1975) não apenas complementam o que Freud afirma, mas também ilustram as possíveis conseqüências de uma repressão excessiva da sexualidade em termos mais práticos.

Proibir a brincadeira sexual não a elimina, somente a torna clandestina, deixando as crianças, cheias de culpa, a tatear entre si no escuro. Proibir a brincadeira sexual também deixa os pais no escuro a respeito do desenvolvimento sexual dos seus filhos. Como os erros cometidos não aparecem claramente senão na puberdade e dado que nesta época é difícil encontrar a sua fonte na infância, pouco se sabe sobre como diagnosticar esses problemas enquanto há tempo de corrigi-los. (Money; Tucker, 1975, p.139)

Além disso, à medida que a criança cresce e ingressa em ambientes educativos mais amplos, como a escola e a sociedade em geral, a influência dos educadores e da cultura também se torna significativa. Os educadores assumem a responsabilidade de complementar a educação sexual iniciada em casa, influenciando positivamente ou negativamente, a maneira que a criança entende os aspectos mais amplos e complexos da sua sexualidade.

Ao longo do período que se estende desde a época de Freud até os dias atuais, algumas questões que abordam a sexualidade infantil e a educação permaneceram sensíveis aos

aspectos da moralidade, tabus continuam sendo erguidos para falar sobre a temática. Pois, conforme afirmam (Bortolozzi Maia e Baptista Spaziani, 2017), de maneira geral, as professoras tendem a responder às expressões sexuais de seus estudantes com base em suas próprias experiências de educação sexual. Isso significa que suas ações são influenciadas pelas crenças pessoais sobre como sua própria sexualidade foi desenvolvida, em vez de serem guiadas por uma análise que reconheça o direito das crianças a receber orientação relacionada às suas questões individuais sobre o tema.

5 CONCLUSÃO

Dada esta conjuntura, mesmo passados mais de um século desde a publicação dos “*Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade (1905)*”, ainda não temos um caminho claro sobre como lidar melhor com questões relacionadas à sexualidade infantil. Questões importantes para pais educadores, como: "quando?", "de que forma?", "por que sim?" e "por que não?", bem como as possíveis causas e consequências de intervenções, quanto às manifestações da sexualidade infantil, e às dúvidas que as crianças possam ter sobre o tema, continuam sem respostas claras.

Conforme apontado por (Schindhelm, 2011), a sexualidade continua sendo um tema pouco discutido no contexto da educação infantil. Prevalecem abordagens baseadas no senso comum que frequentemente encaram o corpo e o prazer atrelado a ele como algo vergonhoso ou pecaminoso. Essa abordagem resulta no recebimento, por parte das crianças, de discursos excessivamente repressivos em relação à expressão de sua sexualidade. Esse cenário é particularmente acentuado quando se tratam de comportamentos considerados "desviantes" na perspectiva dos adultos, sejam eles pais ou professores.

Com isso em mente, a problemática se destaca: a sexualidade não é meramente a expressão de desejos e a forma como o sujeito, seja jovem ou adulto, lida com o prazer e o corpo. Ela representa, na verdade, um conhecimento construído e influenciado desde tenra idade pela maneira como os adultos reagem à manifestação do prazer pelas crianças, em um contexto moldado por variáveis sociais e culturais. A sexualidade possui um carácter dinâmico e mutável, não só pelas características de cada cultura, mas também pela forma única como cada pessoa assimila as tradições sociais através de rituais, da linguagem, fantasias, expressões, símbolos e costumes (LOURO, 2001).

No entanto, de acordo com (Schutz, Martinez e Salva, 2019), apesar do aumento dos estudos teóricos sobre o tema, é seguro afirmar que a sexualidade infantil continua sendo uma questão de difícil abordagem na educação infantil, sobretudo, porque o assunto é poucas vezes colocado em pauta para estudos e reuniões pedagógicas nas escolas. Muitas delas ainda consideram a sexualidade como um tema “perigoso de ser tocado”, como se o assunto fosse exclusivamente adulto e não como algo que também é expresso pelas crianças.

Mas, ao negar a importância desse tema, o que se espera? Por acaso, espera-se que a criança nunca entre em contato com assuntos que permeiam a sexualidade? No tocante a isso, Freud, em seu artigo “*O esclarecimento sexual das crianças*”, cita Multatuli, para responder essa questão:

De modo geral, a meu ver, certas coisas são demasiadamente ocultadas. É correto manter pura a fantasia da criança, mas essa pureza não se conserva pela ignorância. Acho, isto sim, que quanto mais se esconder algo, mas o garoto e a garota suspeitaram a verdade. Por curiosidade, saímos a averiguar coisas que, se nos fossem comunicadas sem rodeios, suscitaram em nós pouco ou nenhum interesse. Se tal ignorância pudesse ainda ser mantida, eu poderia me conciliar com ela, mas isso não é possível; a criança entra em contato com outras crianças, depara com livros que a fazem refletir, e justamente o mistério, com que os pais tratam o que ela ainda assim compreendeu, aumenta o desejo de saber mais. Tal desejo, satisfeito somente em parte, apenas secretamente inflama o coração e estraga a fantasia; a criança já está pecando, e os pais ainda acreditam que ela não sabe o que é pecado. (Freud, 1907, p. 316 - 317).

Em outras palavras, o autor reforça a ideia de que é importante não ocultar demais as coisas das crianças, pois a manutenção da pureza da infância não se baseia na ignorância. Considerando que mesmo no tempo de Freud, quando o acesso a esse tipo de conteúdo para crianças era notoriamente mais difícil, ainda assim era possível, o que leva os adultos a pensar que nos dias de hoje, em que muitas crianças têm livre acesso à internet e às redes sociais, por meio dos smartphones, e, conseqüentemente, acesso a todo tipo de conteúdo que vai desde algo sensual até algo mais explícito como a pornografia, não poderia ser acessado por elas? E, diante dessa realidade, não seria fundamental discutir esse tema com mais seriedade?

Sendo assim, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) no artigo 9, inciso I (BRASIL, 2009), às práticas pedagógicas na Educação Infantil precisam garantir experiências que: “promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança”, ou seja, o que se destaca como uma diretriz curricular no contexto atual está longe de ser uma novidade. Freud (1907) já afirmava que a questão da sexualidade deve ser tratada como um assunto digno de conhecimento. O autor enfatiza que, se a família não desempenha um papel

esclarecedor sobre as complexidades da sexualidade humana e seu significado social, a escola não deve se omitir de sua responsabilidade de explicar, à medida que surgem dúvidas e curiosidades entre os pequenos, tudo relacionado ao corpo humano e à sexualidade das crianças, antes dos dez anos de idade.

Essa abordagem não busca, de maneira alguma, promover a erotização precoce, pelo contrário, propõe um plano de ação nas escolas para lidar com a sexualidade e a complexidade acerca do tema com menos tabus e de maneira mais assertiva, em um mundo em constante mudança.

Finalmente, ao trazer esse tema para debate, busca-se criar condições para a construção de caminhos que levem a uma educação sexual saudável, responsável e esclarecedora para as crianças. Nesse sentido, parece que, quanto mais avançamos nas discussões sobre a complexidade da sexualidade humana, especialmente a sexualidade infantil, mais nos aproximamos dos princípios fundamentais delineados por Freud. Isso reforça a importância de reconhecer a relevância contínua dessas ideias na formação de políticas educacionais e na promoção de uma educação sexual mais adequada e informativa para as futuras gerações.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História Social da Criança e da Família**. 3 ed. Rio de Janeiro: LTC, 2022.

ARANHA, M. L. de A.; MARTINS, M. H. P. **Filosofando**: Introdução a Filosofia. 3ed. São Paulo: Moderna, 2003.

BORTOLOZZI MAIA, A. C.; BAPTISTA SPAZIANI, R. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. 2017. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 11, n. 01, p. 68–84, 2010. Disponível em: <https://revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2017>. Acesso em: Setembro de 2023.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil**. Brasília: MEC, SEB, 2009.

CUNHA JUNIOR, W. N. da. **O fenômeno da repressão sexual**: gênese formas e mecanismos de um complexo sistema. 2011. Disponível em: https://www.academia.edu/10298756/O_FEN%C3%94MENO_DA_REPRESS%C3%83O_SEXUAL_G%C3%80NESE_FORMAS_E_MECANISMOS_DE_UM_COMPLEXO_SISTEMA. Acesso em: setembro de 2023.

FAGUNDES, T.C.P.C. Educação sexual – prós e contras. **Revista brasileira de sexualidade humana**. São Paulo, vol.3, n.2, p.154-158, 1992.

FERREIRA, Adelir Pazetto; MELO, Sonia Maria Martins de; ROSA, Silvana Bernardes. Refletindo sobre a Sexualidade na Educação Infantil. **Revista Linhas**. v. 4., n. 1, 2003.

FLICK, Uwe. **Desenho da pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Artmed, 2009.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Rio de Janeiro, RJ: Forense Universitária, 2009.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro, RJ: Graal, 1988.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2001.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade: a vontade de saber**. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e terra, 2017

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 6: três ensaios sobre a teoria da sexualidade, análise fragmentária de uma histeria ("O caso Dora") e outros textos (1901-1905)**. Tradução Paulo César de Souza. 11 ed.-São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 8: O delírio e os sonhos na gradiva, análise da fobia de um garoto de cinco anos e outros textos (1906-1909)**. Tradução Paulo César de Souza. 11 ed. -São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 9: Observações sobre um caso de neurose obsessiva ["O homem dos ratos"], uma recordação de infância de Leonardo da Vinci e outros textos (1909-1910)**. Tradução Paulo César de Souza. 11 ed. -São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 11: Totem e tabu, contribuição á história do movimento psicanalítico e outros textos (1912-1914)**. Tradução Paulo César de Souza. 11 ed. -São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 13: Conferências introdutórias à psicanálise (1916-1917)**. Tradução Sergio Tellaroli. 11 ed. -São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

FREUD, Sigmund. **Obras completas, volume 19: Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos (1937-1939)**. Tradução Paulo César de Souza. 11 ed. -São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

HEYWOOD, Colin. **Uma história da infância: da Idade Média à época contemporânea no Ocidente**. Porto Alegre: Artmed, 2004.

LAVIOLA, Elaine Cardia. **Reações de educadores de creche diante de manifestações de sexualidade infantil**. Seminário Internacional Fazendo Gênero 7. Florianópolis, Editora mulheres, 2006

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2011.

LEFÈVRE, Fernando; LEFÈVRE, Ana Maria Cavalcanti. **Pesquisa de Representação Social**. Brasília: Liberlivro; 2010.

LINS, S. L. B. *et al.* A compreensão da infância como construção sócio-histórica. **CES Psicologia**, v. 7, n. 2, 2014, p. 126-137.

LOURO, G. L. Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (Org.). **O Corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001. p. 07-34.

MAIA, A. C. B.; SPAZIANI, R. B. Manifestações da sexualidade infantil: percepção de pais e professoras de crianças de 0 a 6 anos. **Revista Linhas**, v. 11, n. 01, p. 68–84, 29 jun. 2010.

MONEY, J.; TUCKER, P. **Sexual Signatures**. Little Brown. Boston. 1975.

NIEHUES, M. R.; COSTA, M. de O. Concepções de infância ao longo da história. **Revista Técnico-Científica do IFSC**, v. 3, n. 1. 2012.

NUNES, César; SILVA, Edna. **A educação sexual da criança**. (Coleção polêmicas do nosso tempo; 72). Campinas, SP: Autores Associados, 2000. 136p.

OLIVEIRA, M. C. S. **Lembranças de infância: que história é esta?** Dissertação de Mestrado apresentada ao Universidade Metodista de Piracicaba. (Dissertação de Mestrado). Piracicaba: UNIMEP, 1999.

RIBEIRO, Marcos. **Conversando com seu filho sobre sexo**. São Paulo: Editora Academia de Inteligência, 2009.

RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal. **Educação Sexual além da informação**. São Paulo: EPU, 1990.

ROCHA, Rita de Cássia Luiz. **História da infância: reflexões acerca de algumas concepções correntes**. 2002.

SCHINDHELM, V. G. A sexualidade na educação infantil. **Revist Aleph**. Dez. 2011, ano V, n. 16. 2011. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistaleph/article/view/39056/22494>. Acesso em: setembro de 2023.

SCHUTZ, L. W.; MARTINEZ, L. da S.; SALVA, S. Discutindo concepções sobre sexualidade infantil: um tema delicado. **Práxis Educacional**, Vitória da Conquista, v. 15, n. 31, p. 452-470, 2019. DOI: 10.22481/praxis.v15i31.4682. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/4682>. Acesso em: setembro de 2023.

SEMEM, C. J.; CARAMASCHI, S. Concepção de sexo e sexualidade no ocidente: origem, história e atualidade. **Barbarói**, n. 49, p. 166 - 189, 12 dez. 2017.

SILVA, Maria Cecília Pereira da. Diálogos sobre sexualidade: da curiosidade à aprendizagem. In: SILVA, Maria Cecília Pereira da. (Org.). **Sexualidade começa na infância**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010. pp. 17-25.

SNOEK, J. **Ensaio da ética sexual**: a sexualidade humana. São Paulo: Paulinas, 1981.

